

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 298

4 de julho de 2015

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos! Sejam bem-vindos!

Hoje eu gostaria de retomar dois temas que já foram tratados aqui em separado e ver onde eles se entrecruzam. Como vocês já devem ter reparado, um dos meus brinquedos preferidos é pegar os conceitos filosóficos mais abstratos possíveis e ver como eles se encarnam na vida histórico-social, e até na vida das almas individuais, da psicologia de cada um. Eu creio que somente este tipo de abordagem pode levar a uma compreensão dos fenômenos reais. Fora disso, o que você pode fazer é brincar com idéias e, sobretudo, acreditar que as idéias movem o mundo — o que é uma bobagem tão grande quanto você dizer que é o dinheiro o que move o mundo, ou o sexo, ou qualquer outra coisa. Quando se diz que as idéias são a força histórica, isso é um engano terrível, porque uma idéia por si mesma não tem força nenhuma. Quando você lê um livro, o teu vizinho aprende alguma coisa? Não, somente você aprende. Portanto, você tem ali uma comunicação direta entre um autor e um leitor, entre uma mente humana e outra mente humana. Portanto, não é a idéia que tem o poder, mas sim o indivíduo que teve a idéia e que a colocou em circulação é que tem o poder, ainda que, no caso do poder intelectual, trate-se de um poder quase impessoal e anônimo e de longuíssimo prazo, de modo que o indivíduo alcança os resultados que ele desejava somente depois de morto. Mas, ainda assim, são os seres humanos que estão agindo. Ou seja, as idéias são um dos instrumentos da ação humana, e elas não têm força por si mesmas. Dizer que as idéias movem o mundo é o tipo do pensamento metonímico, isto é, equivale a tomar o instrumento pelo autor da ação. Enquanto trata-se apenas de uma figura de linguagem, tudo bem, pode-se sempre dizer que as idéias movem o mundo, como no caso do marxismo, do cristianismo etc. Mas isso é um pensamento metonímico, e o pensamento metonímico, quando é exercido sem a consciência de que ele é apenas metonímia, irá levar certamente a resultados absolutamente desastrosos, como, por exemplo, quando se faz uma política inteiramente voltada para combater algumas idéias.

Você já viu alguma idéia ser eleita presidente da República, ou implantar uma ditadura? Não. Isso tem de ser feito por indivíduos humanos. Então, a luta política é eminentemente uma luta contra pessoas, pois você pode derrubar integralmente uma idéia e o poder que a representa continuar absolutamente intacto. Por exemplo, em termos de crítica econômica, o marxismo está morto desde 1920 — três anos após a Revolução Russa, e a Revolução ainda durou mais seis décadas. Isto também leva a uma tremenda dispersão, por motivos até mais complexos e que irão tornar-se mais claros daqui a pouco.

No entanto, eu gostaria de partir de uma idéia que foi abordada levemente nas aulas que eu ministrei sobre Kant. Nos manuais da filosofia atual encontramos a seguinte frase: “Não

podemos voltar à fase pré-crítica”, isto é, à fase anterior a Kant, como se a obra de Kant demarcasse uma fronteira nítida entre o que está superado e o que ainda é atual, o que ainda pode ser aproveitado. Isto vem sendo tão repetido, que, evidentemente, já se tornou um chavão, e toda idéia que se incorpora a um chavão torna-se estúpida, e isto se já não o fosse desde o começo e, portanto, este é precisamente o motivo pelo qual ela se acomoda tão bem num chavão. E “Não podemos voltar à fase pré-crítica” é um deles.

A suposta conquista principal de Kant teria sido aí a idéia de haver descoberto que sujeito e objeto não podem ser concebidos separadamente. Qual a importância que isso tinha na época? Até então, acreditava-se que você estaria na verdade quando você apreendesse a essência ou substância de um objeto real, isto é, quando captasse o que um objeto de fato é (o ser do objeto), então você estaria na verdade. Mas, diz Kant, o objeto só existe se ele for objeto para um sujeito, e esse objeto, considerado em si mesmo, é impensável. Em parte, esta frase não diz absolutamente nada, porque isto é o mesmo que dizer que eu nada percebo quando eu não estou percebendo nada. Foi apenas isso que ele disse, isto é: se eu estou vendo um gato, o gato só existe para mim porque eu o percebi; se eu não o percebesse, ele não existiria para mim — sendo absolutamente inócuo, nessa perspectiva, você perguntar se o gato ainda existe quando você não o percebe. Então, na perspectiva de Kant, é o conhecimento que se torna uma condição para a existência, e não a existência uma condição para o conhecimento. Isto também é, a meu ver, puro pensamento metonímico, porque quando percebo um gato eu sofro uma modificação neuronal, por assim dizer (eu tenho uma informação que eu mesmo adquiri), e o gato não é absolutamente afetado por isto; ele pode vir a ser afetado, já que ser percebido por um ser humano coloca um objeto dentro do mundo humano, por assim dizer, o que o sujeita, portanto, à ação humana. Mas esta é uma modificação apenas potencial.

Por exemplo, um sujeito que está caçando urso e então vê um urso. Não há dúvida de que antes de ele o ver, ele não poderia mata-lo. O fato de o urso ser visto o modifica potencialmente, isto é, ele pode ser acertado pelo caçador. Mas o caçador já é afetado, já é alterado imediatamente, porque ele viu o urso e ele não pode “desvê”-lo. Isso quer dizer que a situação entre sujeito e objeto não é uma correlação tão rígida como Kant a viu, porque os dois entes não estão no mesmo nível. Em segundo lugar, dizer que não se pode conceber um objeto fora da percepção que nós temos é, por um lado, um truísmo, isto é, eu só vejo aquilo que eu vejo e aquilo que eu não vi, eu não vi, aquilo que eu não vi não foi visto; por outro lado, é um verdadeiro absurdo, porque isso equivale a confundir a visão da coisa com a visão da idéia da coisa. Uma coisa é eu perceber um gato e outra coisa é eu perceber a minha percepção de um gato, e esta distinção, na perspectiva kantiana, se torna muito difícil de fazer, porque, no fim das contas, tudo o que você percebe é apenas o que é compatível com a forma do nosso aparato de percepção. Desse modo, é como se fosse uma projeção.

Kant não diz que essas coisas externas não existem — ele não é idiota —, e ele também, na prática, não confunde a coisa com a idéia da coisa. Mas isso é o mesmo que dizer que ele não acompanha seu erro até o fim, porque se eu não posso conceber uma coisa independentemente da percepção que eu tenho dela, então eu não posso distinguir entre a coisa e a sua percepção — o que é uma distinção que qualquer pessoa pode fazer a qualquer momento, porque mesmo pessoas idiotas percebem a diferença entre um gato e a visão que se tem de um gato. Mesmo porque nós fomos dotados de dois olhos, e não de um só — e isso é uma observação simples que Kant nunca fez. Então, eu olho um gato com este olho e ele me parece de um jeito, e quando eu o olho com este outro, ele me parece de outro modo — pronto!, está dada a diferença entre o objeto e a sua percepção. Isto é absolutamente invencível. Isto é, se eu tenho dois canais de percepção pelos quais eu apreendo um mesmo objeto e sei que ele é o mesmo nas duas percepções, a distinção entre objeto e percepção está

dada. Então como dizer que eu não posso conceber o objeto independentemente do sujeito? Eu não só posso, mas eu tenho que fazer isso, não havendo outra maneira de fazê-lo. Se nós não fizéssemos isso o tempo todo, estaríamos o tempo todo vivendo numa atmosfera que seria constituída apenas dos nossos próprios pensamentos, e nós não teríamos como agir sobre os objetos, teríamos que agir somente sobre os nossos pensamentos — e isto evidentemente não funciona.

Porém, a idéia de Kant apareceu naquele momento tão engenhosa — isso é o que ele chamou de revolução copernicana, porque ele fez uma inversão, colocando o sujeito no topo e o objeto embaixo, isto é, o objeto passou a depender do sujeito —, que modificou para sempre o pensamento dos filósofos e o mundo das ciências humanas de modo geral. Acontece que, se a visão do objeto depende sempre do sujeito, então nós nunca podemos falar do objeto-em-si, nós nada sabemos do objeto-em-si, da coisa-em-si, mas somente daquilo que o nosso quadro de percepção apreendeu. Isto significa que o critério da verdade não pode ser mais a coincidência entre o nosso pensamento e o objeto, porque, no fim das contas, só há pensamentos. Desse modo, o critério da verdade deixa de ser o mundo real e passa a ser a comunidade humana que apreende esse mundo real. Portanto, não há mais critério objetivo de conhecimento, mas existe apenas um critério [0:10] de validade que é feito dentro da comunidade humana. Isto quer dizer: o juízo da verdade não é mais a realidade dos fatos; o juízo da verdade é uma comunidade de sábios, é o consenso da comunidade de sábios. Imagine agora as tremendas conseqüências históricas que esta idéia, aparentemente tão distante de toda cogitação política ou do fenômeno do poder etc., acabou tendo. Se não há mais critério objetivo diretamente obtido da realidade, e se tudo depende de um acordo ou consenso de uma comunidade de sábios, isto quer dizer que nenhum ser humano pensante tem autoridade para opor-se à comunidade dos sábios, porque esta é o critério final. Não existe, assim, uma realidade, fora da comunidade dos sábios, à qual você possa apelar, e esta é a situação na qual nós vivemos há quase duzentos anos.

Muito bem: qual é precisamente a autoridade da comunidade dos sábios? Se nós tomarmos todas as ciências existentes, nós veremos que cada uma tem uma autoridade limitada no seu próprio terreno — mesmo assim, há aí muita coisa de convencional, de puramente consensual, que não pretende ser sequer real, mas apenas adequado. Mas se nós tomarmos as ciências no seu conjunto, nós veremos que elas são uma mixórdia de pontos de vista incomparáveis, totalmente díspares. Por exemplo, a ciência da economia e a ciência da química, quais são diretamente as relações? Onde termina o universo econômico e onde começa o universo químico? Isto é impossível de decidir com os critérios da economia ou com os critérios da química, e não há uma terceira ciência que possa estabelecer essas ciências, embora haja sérias tentativas de criar uma epistemologia científica. Mas, na verdade, os problemas epistemológicos continuam sendo tratados numa base filosófica e não científica. Desse modo, haveria no máximo uma filosofia que articularia essas várias ciências. Mas acontece que a filosofia, por si, não tem nenhuma validade científica nem mesmo perante a própria comunidade científica; ela é apenas uma teoria que um sujeito fez e que pode ser verdade ou pode não ser, que pode ser até útil para despertar novas idéias, mas ela nunca será uma verdade que possa ser imposta publicamente.

Eu pergunto: de onde vem a autoridade das ciências, se ela própria não pode unificar-se e compor-se como um discurso hierárquico desde os primeiros princípios até as últimas conseqüências? Ou seja, se não existe a famosa teoria geral que unifica tudo, como é que uma entidade múltipla e inconexa pode exercer autoridade? Isto é absolutamente impossível. Isto é como uma assembléia que nunca chegasse a acordo algum.

Se a assembléia nunca chega a acordo algum, ela não baixa decreto algum, e, portanto, ela não deu ordem alguma e não será obedecida. Então, de onde vem a autoridade pública da ciência? Vem do seguinte: você já deve ter ouvido falar muitas vezes, aqueles que lêem livros liberais, em *sites* liberais ou conservadores, mil vezes a expressão “Precisamos enxugar o estado”. Este é outro chavão. Quando você quer buscar uma imbecilidade, é só você procurar um chavão sempre repetido, porque só um pensamento imbecil pode condensar-se num chavão e continuar sendo repetido indefinidamente. O chavão serve para que as pessoas não precisem pensar. O chavão desperta reações emocionais imediatas que vão diretamente das palavras para o sentimento, sem passar pelo objeto do qual você está falando. O chavão se substitui ao objeto para que você não precise pensar nele. Pensar um objeto é sempre difícil porque nós só pensamos através de signos, normalmente não pensamos uma coisa diretamente. Nós a transformamos em um signo e então pensamos nela. Portanto, normalmente estamos sempre pensando de maneira indireta. Pensar diretamente a realidade é uma coisa extremamente difícil, porque você tem de passar, antes, pelo processo de criar os signos. Então as pessoas pensam somente com os signos prontos, sem apelar às coisas; pensam com signos que já vêm prontos na linguagem pública.

Eu até já tive essa conversa com liberais: “vamos enxugar o Estado”. Segue-se imediatamente: “quem enxuga o Estado?”. Resposta: “o próprio Estado”. Por exemplo, a privatização. Você tem aqui um monte de departamentos que só estão dando prejuízo e então nós vamos privatizá-los, vamos vendê-los. Quem irá vendê-los? Quem é que pode vender os bens do Estado senão o próprio Estado? Na hora em que ele vende para particulares, ele cria uma rede de parcerias com particulares. E de maneira informal e agora quase invisível e insensível espalha a sua autoridade até os últimos confins da vida social. Foi isso o que aconteceu no Brasil desde o período FHC até agora. Quanto mais eles privatizaram, mais eles aumentaram a autoridade do Estado. Mesmo porque privatizando, descarregando o Estado de certas tarefas que só estão dando prejuízo e que são muito trabalhosas, ele conserva os seus recursos para poder conquistar novas áreas. Tanto que este período das privatizações é também o período no qual o Estado começa a se meter cada vez mais na vida privada dos cidadãos e até mesmo na linguagem. Isto não acontecia antes.

Quando o Brasil estava repleto de estatais, o Governo tinha de cuidar das estatais, porque elas estavam dando prejuízo para tudo quanto era lado. Agora, depois que vendemos as estatais, o que é que nós vamos fazer com o dinheiro que sobrou? Vamos fazer programas sociais, programas educacionais etc. Então, “enxugar o Estado” é uma expressão que não quer dizer nada. Você não pode livrar-se de um Estado opressor e avassalador enxugando-o — isto é impossível! Eu acho que quem usou esta expressão, como metáfora, foi o Roberto Campos, em primeiro lugar. Só que ele sabia do que estava falando. A partir daí, a fórmula se condensou num chavão e começou a ser repetida por pessoas que não pararam para pensar nisso. Roberto Campos estava perfeitamente consciente de que quem enxuga o Estado é o próprio Estado e de que, portanto, este é um processo muito complexo e perigoso até.

Então por que é que as pessoas falam tanto em enxugar o Estado? Porque elas têm uma consciência de que o problema básico do Brasil é o de que o Estado é sempre a única força agente. O Brasil teve Estado antes de ter a população. Quando chegou o governador-geral Mem de Sá, ele trouxe o ministro da Justiça, que era o ouvidor-geral, e o ministro da Fazenda, que era o provedor-geral — e assim já tinha o governo. Não tinha população, só tinha macaco, tatu-bola etc., mas já tinha o Estado feito. Mais tarde, quando já havia a população que era composta por 50% de escravos (portanto não eram cidadãos), Dom João VI montou o aparato administrativo do Brasil, antecipando-se à sociedade. O Estado sempre esteve à frente de todos os empreendimentos do Brasil. Como é que o Brasil se industrializou? O Brasil se

industrializou porque um economista chamado Roberto Simonsen leu o livro de Mihail Manoilescu, economista romeno, sobre o protecionismo, ficou entusiasmado e levou o livro para Getúlio Vargas e disse “Nós precisamos fazer leis protecionistas”. Então, fez leis protecionistas para criar a indústria nacional. Então, a indústria nacional é um filhote do Governo. O Estado no Brasil é sempre o agente, e a sociedade civil vai ficando cada vez mais para trás, cada vez mais inerte. Pior ainda: a cada vez que se faz uma revolução ou golpe de Estado, é sempre na mesma base, isto é, é sempre um grupo que quer concentrar todo o poder nas suas mãos para reformar o Estado à sua maneira e dominar toda a sociedade civil em volta. Foi assim na Independência, na República, na Revolução de 30, em 1964 e foi assim na ascensão do PT.

Isto quer dizer que essas sucessivas revoluções que prometem libertar o povo brasileiro não podem libertá-lo, porque elas estão fortalecendo o opressor. Isto é, o mecanismo opressor muda de mãos, mas no momento em que ele muda de mãos ele já cresce imediatamente. Nós não podemos comparar, por exemplo, o Estado brasileiro na antiga República com aquilo que o Estado se transformou depois da Revolução de 30 e, sobretudo, depois do Estado Novo após 1937. Comparado com a Ditadura Vargas, o Estado na República Velha era uma mãe, que na verdade não tinha poder nenhum, coitadinho. Ele simplesmente se limitava a repartir os bens entre meia dúzia de famílias, mas não estava oprimindo ninguém, não botava ninguém na cadeia. Quando vem Getúlio Vargas, ele põe um bocado de gente na cadeia, manda matar etc., etc. — coisa que o Estado não podia fazer antes. Do mesmo modo, quando cai o Império, a República que vem já começa como ditadura. Eu me lembro de uma vez que eu estava dando uma conferência na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, que era o edifício do antigo Congresso Nacional, e atrás de mim havia um imenso quadro do Marechal Floriano Peixoto. E eu digo: olha que legal! A sede do Congresso tem um quadro comemorativo do primeiro sujeito que fechou o Congresso! [0:20] É uma situação absolutamente cômica! Mas era assim.

A República já veio como ditadura, a Revolução de 30 virou ditadura, a de 64 virou ditadura, o PT virou ditadura — é sempre assim! Por que é que isto acontece? Porque as pessoas não entendem a verdadeira natureza do Estado. Elas acreditam que o Estado é somente uma entidade que se mantém pelo poder material — pelo poder de polícia, pelo controle da economia etc. etc. Elas não entenderam a verdadeira natureza do Estado. Para entendê-la, você tem que recuar 200 anos e ver o que Hegel escreveu a respeito do Estado, que foi o sujeito que mais entendeu o Estado no mundo! Hegel dizia o seguinte: o Estado é a máxima criação da inteligência humana ao longo de toda a história. E isso é verdade. O ser humano inventou alguma coisa maior, mais complexa e mais racionalizada do que o Estado? Nunca! Então espera aí: você não está discutindo com uma idiota qualquer, com um grandão bobo que só tem o poder porque está com um porrete na mão — não é assim!

O Estado tem a superioridade no domínio da razão porque ele é a incorporação máxima da razão. Tanto é assim, que se nós pegarmos o conjunto das ciências existentes (que por sua vez também pretendem ser encarnações da razão), veremos que, como não existe uma ciência unificada na esfera teórico-intelectual (não existe nem pode existir, nunca existirá uma ciência unificada, isto é, uma teoria geral de tudo), o mundo da ciência só se unifica por via administrativa e burocrática. Em uma universidade temos um departamento de biologia, um de psicologia, um de economia, um de história, etc. etc., e o que unifica tudo isso? Uma entidade administrativa burocrática que é a própria universidade, a qual só existe por permissão do Estado.

Se as ciências só têm unidade na esfera administrativa e burocrática, isso significa que o cume da racionalidade científica é a administração estatal e não o conteúdo das ciências. Tanto é

assim, que uma descoberta científica (com a suposta lei científica, descoberta por seu fulano ou seu fulano), por mais que haja cientistas que a endossem, ela só adquire autoridade pública no momento em que o Estado a endossa e a transforma em lei — fora disso, ela continua sendo apenas uma opinião. Quando aparece, por exemplo, a Teoria da Evolução, ela era apenas uma idéia que alguém teve. O sujeito começou a observar os animais, pegou umas conchinhas no Brasil etc., e chegou à conclusão de que a coisa foi de tal maneira. Isto era apenas a opinião dele, e depois começa a discussão que dura décadas, e cada um pode ter a opinião que quiser. A teoria não possui uma autoridade universal, porém chega um dia em que o Estado diz que ensinar isto nas escolas é obrigatório e que ensinar o contrário é proibido: tornou-se uma verdade universal. Isto quer dizer que a instância decisória última de todos os debates científicos não é nenhum cientista, nenhuma organização científica, mas sim a administração estatal. Isto significa que o poder do Estado é uma coisa imensamente mais profunda do que os liberais e conservadores imaginam. Por exemplo, se um economista faz todas as contas e chega à conclusão de que uma economia liberal é muito mais eficiente do que uma economia estatizada (como Ludwig von Mises o fez), ele tem razão, isto é verdade; mas existe um detalhe: a economia é apenas uma ciência em meio a outras quatrocentas. Ela não pode ter um poder de influência superior à de todas as outras ciências juntas, que se unificam na hierarquia administrativa no topo da qual está o Estado. Portanto, uma teoria científica, por mais verdadeira que seja, não tem poder nenhum contra o Estado.

Então aparece o político liberal que leu Ludwig von Mises e diz: ele está certo e nós temos que liberalizar a economia. Como iremos liberalizar a economia? Nós nos candidatamos a deputados e senadores e iremos votar leis, ou seja, nós liberalizamos o Estado através do poder estatal. Mas é óbvio que o poder estatal jamais se diminui, porque ele se expande por outros meios. Se nós lermos o livro de Bertrand de Jouvenel, *O Poder: História natural de seu crescimento*, e nós veremos que esta é a constante nos últimos quatro séculos. Portanto, nós temos de um lado o Estado centralizador estatista, e nós vamos e elegemos o nosso partido e ele começa a privatizar tudo, e na hora em que ele privatiza, quem comprou evidentemente torna-se logo parceiro do Estado, já tem interesses em comum e, então, o poder do Estado se multiplica de maneira informal através das suas parcerias. Veja a promiscuidade entre a relação do governo petista e essas grandes empresas, e você entenderá sobre o que eu estou falando. Muitas delas foram brindadas com privatizações nos tempos do FHC, gostaram da idéia de trabalhar com o Estado e estão fazendo isto até agora. Então, elas são as donas dos meios de produção, mas têm de trabalhar em parceria estrita com o Estado porque ele é o seu principal cliente. Por exemplo, nós criamos uma mega-empreiteira como a Odebrecht, e então nós iremos construir para quem? Iremos construir casas populares para o seu zé mané? De quantos zés manés nós não precisaríamos pagando prestação para sustentar uma Odebrecht? Então, evidentemente isso não serve. O único cliente é o Estado. Portanto a coisa já está privatizada, mas depende inteiramente do Estado para crescer.

Isto tudo me leva a acreditar que a perspectiva está invertida. É o Estado que é grande demais e nós temos que diminuí-lo? Não. O Estado brasileiro, em termos absolutos, não é grande demais. Se nós pensarmos na porcentagem do País que são funcionários públicos, nós veremos que são apenas 8%, e isso é pouco. Se fosse 50%, então seria complicado. Mas em termos absolutos o Estado brasileiro é pequeno. Mas por que ele nos oprime tanto e por que ele é o problema? Não é porque ele é grande demais, mas porque a sociedade civil é fraca. Este é o problema. Isto quer dizer que esta desproporção entre o poder da sociedade civil e o poder do Estado não pode ser remediada através da ação do Estado, mas através da sociedade civil. Isto é o óbvio ou não é? Portanto, não adianta mudar o Estado, não adianta fazer uma reforma política. Por exemplo, agora que o PT está caindo pelas tabelas, começam a aparecer liberais e conservadores já com a idéia de reformar o Estado, querendo mudar a Constituição,

o direito administrativo etc., isto é, querem fazer mais uma reforma do Estado, que, naturalmente, terminará por fortalecer o próprio Estado de uma maneira ou de outra.

Se o Estado é sempre o agente principal e se todo empreendimento de mudança tem de ser encaminhado através do Estado, nós estamos intensificando o monopólio da ação pelo Estado. Não é óbvio o que eu estou dizendo? Primeiro precisam passar vinte anos, mas sempre dizem que o Olavo tem razão — às vezes confessam, às vezes não confessam. Outro dia apareceu o Boris Fausto dizendo coisas que eu estou dizendo há vinte anos. Quer dizer, o maior problema do intelectual esquerdista que tenha pretensões à honestidade hoje é: “como concordar com o Olavo sem dizer que ele tem razão?”. O sujeito chega lá e diz a mesma coisa que o Olavo disse, mas ele não pode citá-lo porque o Olavo é como um traveco: com traveco você transa em segredo, mas não pode contar para ninguém. O sujeito vai lá, come traveco (ou é comido, sei lá, cada um faz o que quer), e quando ele o vê em uma rua no dia seguinte faz de conta que não o conhece. É ou não é assim? Tinha até um traveco argentino que cantava assim: “soy lo prohibido”. Coitadinho! Todo mundo o comia e depois não o reconhecia na rua. Então, o Olavo virou um traveco, porra! Você vai lá, na maior promiscuidade mental com ele, mas não conta para ninguém.

O que eu estou dizendo agora, amanhã ou depois todos estarão dizendo. Por quê? Por que fui eu quem falou? Não. Mas porque é o óbvio! Acontece que no Brasil a linguagem está viciada pelo abuso psicótico de metonímias, pois as pessoas acreditam que as idéias agem, que as armas matam, que a miséria produz revoluções: tudo isto é pensamento metonímico. Neste ponto, Wittgenstein tem razão: [0:30] tudo isto é uma confusão verbal miserável, mas nós precisamos furar esta barreira para vermos como é que as coisas são mesmo. Infelizmente, nós quase sempre precisamos das palavras para pensar, pois nós não conseguimos pensar com coisas. Quem pensa com coisas é Deus. Nós só de vez em quando pensamos um pouquinho. Por exemplo, na aula 15 deste curso de Filosofia, quando eu apresento o experimento com as pilhas azuis e vermelhas de baralho, naquela situação você está pensando com coisas, mas para o ser humano, de modo geral, é muito difícil. Por outro lado, todas as coisas que existem foi Deus quem as pensou; é uma tremenda desproporção.

Fazendo um parêntese, por exemplo: é muito comum as pessoas compararem doutrinas filosóficas com o cristianismo. Todo mundo faz isso. Os historiadores da filosofia não resistem, parece que ficam com coceira: “Platão diz isso, mas o cristianismo diz aquilo; Aristóteles diz isso, mas o cristianismo diz aquilo”. Todo mundo faz isso. Só que acontece que isso é covardia, é concorrência desleal. Porque uma filosofia são apenas coisas que um sujeito pensou, são idéias que um sujeito pensou, não são coisas da realidade. Mas a ação do cristianismo no mundo, a ação do Cristo, é uma coisa que aparece na realidade material. Os milagres do cristianismo acontecem no mundo material. Deus não precisa argumentar para mostrar que ele está dizendo a verdade, ele faz o milagre e pronto, acabou. O filósofo pode fazer isso? Platão podia multiplicar os pães? Fazer Lázaro ressuscitar? Fazer a menina sem pupilas enxergar, como o fez Padre Pio? Não. Ele só pôde usar palavras, coitadinho. Então é uma concorrência desleal. O cristianismo e a filosofia não estão no mesmo plano. Reafirmo pela milésima vez: o cristianismo não é uma doutrina, embora ele contenha aspecto de doutrina. Ele é uma sucessão de fatos que começou a acontecer no ano 1 e não parou de acontecer até agora. Os milagres continuam acontecendo. Vejam os vídeos do dr. Ricardo Castañon e vocês entenderão. Quer dizer, que raio de coisa é esta: cai uma hóstia no chão, nego manda examinar a hóstia e descobre que ali é sangue e que o sangue está pulsando, está vivo! O que é isto? Quem pode discutir com uma coisa dessas? Quer dizer, o que é uma filosofia diante disso? A minha filosofia, ou a do Kant ou a do próprio Platão, é nada. São apenas palavras.

A tradução doutrinal do cristianismo se parece com uma filosofia, mesmo porque os teólogos usaram muitos conceitos que aprenderam na filosofia grega, mas é apenas uma tradução. O cristianismo não é isso, o cristianismo não é a sua teologia. O cristianismo é a vida, paixão, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo e os milagres que se seguem. Isto é o cristianismo. O que os teólogos falaram são apenas notas de rodapé. Eles estão tentando ajudar as pessoas a entender aquilo. Na maior parte dos casos, fracassam. As pessoas lêem, lêem e lêem teologia e continuam não entendendo nada. Por que? Porque não é para entender; isto é para ver, é o tecido da nossa vida, não é uma teoria. Agora, os filósofos criam teorias.

Furar essa barreira, esse muro das metonímias nos deixa muito inseguros, porque daí nós não temos uma linguagem pronta para falar das coisas, nós temos que inventar essa linguagem e inventar uma linguagem é uma coisa que um filósofo não pode fazer sozinho, a não ser que ele seja um tremendo escritor como era Platão. A propósito, dizem que Aristóteles também era, mas suas obras escritas se perderam, sobraram apenas anotações de aulas, então não sabemos o famoso estilo dele — estilo que o próprio Cícero, maior estilista da língua latina, sempre louvou. Por isso, o sujeito que tiver além da vocação filosófica uma tremenda capacidade literária criará uma linguagem personalizada que lhe permitirá dizer as coisas como ele as estiver vendo realmente, e não como os outros as estiverem dizendo. Se eu vejo uma coisa, se tenho uma visão original, mas a linguagem que tenho para dizê-la é apenas a da cultura presente, então não vou conseguir dizer o que estou vendo, mas apenas o que os outros pensam que estão vendo, por mais original que seja a minha descoberta.

A libertação do mundo das metonímias começa com o mundo da literatura. Isso porque a função do escritor é fazer exatamente isso. Como dizia Mallarmé: “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”. Certíssimo isso aí. Essa é a definição do que um escritor faz. Um escritor ensina as pessoas a falar, a usar esses recursos da língua. Um escritor quando percebe uma coisa ele diz: “como é que eu vou dizer isto?”. Daí ele tenta de um jeito, tenta do outro, e de outro, e de outro, no fim ele acaba achando uma forma, e esta forma abre uma luz. Quer dizer, você percebe coisa que antes você não percebia. O trabalho que um escritor pode ter para isso, para chegar a isso, pode chegar a ser uma coisa alucinante. Flaubert ficava semanas procurando uma palavra até achar aquela. Nem todo mundo precisa fazer isso; os escritores fazem para nós. Então se desaparecem os grandes escritores, se desaparece a grande literatura, a metonímia se torna a imperatriz absoluta: ela passa a mandar em tudo. As metonímias e metáforas andam por aí como se fossem pessoas, mandando e desmandando.

As pessoas dizem: “vamos enxugar o Estado”. Daí enxugamos o Estado, ele então fica mais poderoso e as pessoas não sabe o porquê. Quer dizer, elas não entenderam o que é Estado. A maior parte dos liberais vem de uma formação econômica. O liberalismo moderno (não o antigo) surge com a Escola Austríaca de economia, evidentemente. A maior parte dos teóricos liberais aprenderam com a ciência econômica, portanto eles encaram o problema do Estado eminentemente como um problema de monopólio econômico. Acontece que o Estado não é isso; para o ser, ele precisaria antes ser outra coisa: precisaria ser o monopólio do uso da razão, que é uma coisa muito mais profunda e muito mais difícil de derrubar porque é uma coisa abstrata.

Como é que ele se impõe como detentor monopolístico da razão? Ele impõe os padrões de linguagem e ele impõe o critério do verdadeiro e do falso, inclusive nas ciências. Nenhuma ciência tem autoridade contra o Estado, porque é o Estado que a legitima. Se você for contra o Estado, neguinho caça o seu diploma. Você é economista e começou a encher muito o saco do governo: ele caça o seu diploma. Pronto, não é economista mais. Ou põe você na cadeia, como

puseram o Manoilescu¹. Foi para cadeia, morreu na cadeia e ainda foi fuzilado em efígie depois de morto.

A autoridade da ciência é nula fora do Estado, ainda quando ela diz a verdade. Ela pode ter uma autoridade similar à filosofia, que é a autoridade, digamos, da persuasão pessoal direta, quer dizer, você lê a teoria do cara e fala: “ele está certo”, mas isto não vai dar. A veracidade da teoria não vai dar a ela autoridade pública, só o Estado pode dar isso para ela.

Nenhuma ciência pode discutir com o Estado: ela já perdeu de antemão, inclusive a ciência econômica liberal. Ela pode vencer na base da previsão. Quer dizer, o sujeito diz: “olha, isso daqui vai dar bode”, e pouco tempo depois dá bode mesmo. Então em teoria o nego venceu o Estado; mas histórias desse tipo eu já experienciei milhares de vezes. Eu digo: “olha, vai acontecer tal coisa” e depois acontece mesmo. E daí? Que autoridade tenho eu para mudar o curso das coisas? Nenhuma. Eu só posso avisar.

Mas se milhares de pessoas querem se ferrar eu não tenho autoridade para mandá-las parar. Eu estou aqui nos EUA, longe do Brasil (ainda bem que estou longe), mas eu gostaria que ninguém se ferrasse do jeito que está se ferrando, porém eu não tenho capacidade para puxar as rédeas da sociedade e dizer: “você estão indo para o caminho errado, vamos mudar”. Não tenho esta autoridade e nem esta pretensão. Muito menos espero que Deus me perdoe os meus pecados só pelo simples fato de eu ter defendido a honra do nome Dele perante uma platéia irrisória num país periférico, insignificante. Ele vai me perdoar porque ele me ama a despeito do imensurável ridículo dos meus esforços. Isso é tudo que eu posso fazer e tudo que qualquer outro no meu lugar poderia fazer.

Uma coisa que a gente pode fazer é exatamente isso: alertar as pessoas quanto a um erro cognitivo que elas estão tendo, quer dizer, acertar a lente para que elas foquem o objeto real e possam agir sobre ele, ainda que de maneira muito modesta. Mas quando você está vendo o urso, pode ser que você acerte o tiro, pode ser que erre. Pode ser que ele morra, pode ser que não morra, pode ser que ele sobreviva ao tiro e coma você. Mas se você não vê o urso, não há esperança de nada.

O pessoal liberal e conservador está errando porque eles pensam que o problema é o tamanho do Estado, é a força do Estado. Não é. É a fraqueza da sociedade civil. O Estado brasileiro só é forte porque a sociedade civil é muito fraca. Na verdade, o nosso Estado é impotente para fazer qualquer coisa. Noventa e nove por cento das coisas que ele tenta fazer ele não consegue. Ele é impotente para se administrar a si próprio, coitado; e você ainda quer diminuir o bicho? Aí vira aquele debate do [0:40] [Ciro Gomes](#) com o [Rodrigo Constantino](#). O Rodrigo Constantino dizia: “não, o seu ministério precisa reduzir despesa”, o [Ciro Gomes](#) disse: “reduzir onde? Quais?”, o outro não sabia. Quer dizer, realmente não é fácil você reduzir despesas de um ministério, porque quando você vai ver o orçamento do ministério já está deficitário.

Sim, é um Estado deficitário, mas a população é mais deficitária ainda, então ele ganha. Quer dizer, são dois pobres miseráveis e o primeiro está se gabando: “olha, eu tenho um sanduiche de mortadela e você não tem nada”. É isso.

Lembro aquele filme do Mel Brooks, que ele interpreta um milionário. Ele aposta que ele consegue viver como um mendigo durante um mês, então ele vai viver lá num favelão e tem

¹ Mihail Manoilescu – Jornalistas, político e economista romeno

um outro mendigo, mas o mendigo é louco e o mendigo imagina que ele próprio é milionário, então ele começa a discutir com o milionário para ver quem tem mais dinheiro: “eu tenho mais dinheiro, não é você”, e os dois começam a trocar socos, dois velhos loucos. A disputa entre o Estado brasileiro e a população resume-se a isso: são dois miseráveis discutindo numa favela para ver quem é mais rico.

O problema é a fraqueza da sociedade civil. Ela é fraca desde o início, ela já começou fraca. Começou pelo fato de 50% da população ser escrava; ou seja: 50% não são cidadãos, são coisas que você pode fazer o que quiser, usar e abusar — mas se os caras matavam escravo iam para a cadeia do mesmo jeito. Imaginem essas pessoas todas quando veio lei áurea. Vocês acham que o sujeito estava em condições de dizer: “pô!, agora eu sou um cidadão brasileiro, eu posso fazer e acontecer”. Que nada! O sujeito foi para uma favela e se ferrou lá. Foi isto que realmente aconteceu.

Primeiro: essa coisa da cidadania que é tão louvada de fato nunca existiu, é apenas uma palavra que foi lançada pelo Estado. Cidadania é uma maneira de você se integrar na máquina de propaganda do partido-estado que é o PT. É só isso, não é mais nada. Não é uma realidade. Segundo: as pessoas imaginam que o exercício da cidadania consiste em ter direitos. Mas quem lhe dá os direitos? Resposta: o Estado. Então se essa é a sua compreensão da cidadania, você nunca vai ser um cidadão, você sempre será um súdito; quer dizer, agir pelos canais que o Estado abriu para você.

É diante disso que nós temos que nos inspirar, se não no texto inteiro, pelo menos no título do livro do Herbert Spencer, do direito de ignorar o Estado. A sociedade civil só tem força se ela puder ignorar o Estado e agir à margem dele, e não se tiver um monte de direitos. Não! Isto é absolutamente fundamental, e no Brasil nunca foi feito. Mas existe o terreno propício, porque o brasileiro é tradicionalmente alheio à letra das leis, ele não liga para as leis. Tanto que teve o famoso episódio do Getúlio Vargas com o seu ministro da justiça, o Francisco Campos: “Ô, Francisco Campos! Faz aí uma lei sobre isso, assim e assim”. Ele respondeu: “Mas, presidente, já existe uma lei sobre isso”. “É, mas faz outra porque aquela não pegou”. Quer dizer, as pessoas simplesmente não acreditam na lei, fazem de conta que não existe. Este desprezo pela lei foi sempre considerado um obstáculo à democracia brasileira. Todo mundo fala isso: “no Brasil ninguém respeita as leis!”, imaginam que isso é um obstáculo. Mas em um momento onde a única esperança de se livrar da tirania é a desobediência civil, esse aparente defeito se torna uma virtude e algo que pode ser explorado para fortalecer a sociedade civil. A única coisa que se pode fazer é fortalecer todas as iniciativas da sociedade civil que não passem pelo Estado, não passem pela grade das leis.

Por exemplo, na década de 80 nós sabemos que a chamada economia informal, que era aquela mulher que fazia bolo para vender na vizinhança, o sujeito que concertava máquina de escrever no fundo do quintal, e que não tinha nota fiscal, não pagava imposto nem nada, respondia por 60% do PNB. Uai!, se isso respondia por 60% do PNB, essa é a nossa salvação. O que que fizeram? Começaram a falar: “Temos que regulamentar. Vamos criar o SEBRAE para ajudar as pequenas empresas, fazer regulamentação”. Em pouco tempo enquadraram tudo e acabou a economia informal, e agora passou a só existir a economia formal. Formalizada ao ponto que na venda de uma porcaria de um isqueiro tem nota fiscal, mas não é o vendedor que passa a nota fiscal, é o Estado. Isso quer dizer que o suposto apoio à pequena empresa na verdade a estrangulou e aumentou o poder do Estado.

De onde vem essa mania regulamentadora? Vem de um fato que é estrutural na democracia. O conde de Montesquieu, que era uma besta quadrada, um dos pensadores mais superficiais que

já existiram no mundo, achava que tudo se resolveria com os três poderes: o executivo, o legislativo e o judiciário. Ele dizia que basta um poder não interferir no outro que está tudo bem. Mas como pode haver liberdade, meu filho, se você pega algumas centenas de pessoas, seiscentas ou setecentas, tira dinheiro público para sustentá-las para que elas passem o tempo todo inventando obrigações e proibições para os outros? Elas não param. É claro que depois de algum tempo o número de leis já se tornou inabarcável, transcende a compreensão de qualquer ser humano concreto e só quem tem domínio disto é o próprio Estado. Você vai ler, por exemplo, a legislação tributária. Você abre o livro e encontra cinquenta mil leis. Eu não posso ler tudo isso, mas o estado pode contratar 200, 300 funcionários para resolver e colocar em um computador.

A existência de um poder legislativo permanente é uma ameaça à liberdade, não um meio de preservá-la. Todo mundo entende que quanto mais leis existem, menos liberdade há. Se é assim, por que pagamos esses caras para ficarem legislando o tempo todo? Só que agora não é só mais o poder legislativo que faz isto. Há dois outros meios de legislar: (a) os acordos internacionais, que são assinados exclusivamente por um presidente, uma única pessoa. Um nego sai do seu país, faz acordo com outro e pelo consenso mundial aquilo que foi assinado em um acordo internacional prevalece sobre a constituição e as leis de cada um dos contratantes. Portanto, você muda a constituição por iniciativa de um sujeito, sem contar para ninguém. O nego vai lá para a Espanha, para o raio que o parta, assina um negócio impondo uma obrigação ao seu país, por cima das leis, sem precisar consultar ninguém e isto tem mais poder que a constituição. (b) O próprio judiciário. Na medida em que o judiciário está incumbido de interpretar as leis, quando ele dá uma nova interpretação, vira uma nova lei. E existe ainda um terceiro meio, que é a ação da própria administração: os decretos administrativos, portarias ministeriais, regulamentos de municípios, regulamento de escola etc. etc. Quer dizer, há um poder legislativo imenso que está legislando o tempo todo, e não tem limite esta porcaria. Isto quer dizer que você fazer novas leis para garantir novos direitos só vai estrangular a todo mundo mais ainda. Há apenas uma solução: a sociedade civil só sobrevive na medida em que ela possa ignorar o Estado, agir à margem do Estado.

O poder da desobediência civil foi mais do que provado pelo exemplo do Gandhi. O Gandhi se livrou do Império Britânico assim. Ele não fez novas leis, ele simplesmente não obedecia, as pessoas faziam outra coisa. Os nossos liberais têm de parar de querer fazer a reforma política e fazer uma constituição liberal e começar a fortalecer a sociedade civil. A grande dificuldade para isso vem de que o Estado é realmente a criação máxima da razão humana. Junte o que Hegel disse: “Estado é a incorporação da razão humana”, com o que Kant disse: “não há um critério objetivo da verdade, existe apenas o consenso dos sábios”. O consenso dos sábios, por sua vez, está submetido ao Estado. Esse é o edifício da razão humana: no topo está o Estado e embaixo os seus servidores (cientistas e funcionários públicos). Diante disso é natural que as pessoas não concebam outro meio de ação senão o caminho estatal. Isso ficou fora da imaginação das pessoas; tanto que quando a gente fala “ação da sociedade civil”, as pessoas perguntam: “mas como”? Ficou inconcebível. [0:50] Não imaginam o que é iniciativa espontânea. Ficou realmente difícil pensar. Note bem: aquilo que você não consegue pensar, muito menos você consegue fazer. Então é este o nosso problema. Todos os nossos liberais e conservadores estão presos, vamos dizer, dentro de uma jaula de vidro, a jaula de vidro do Estado, da razão estatal.

É assim que a gente parte lá do Kant para entender o que está acontecendo numa porcaria de país periférico que coincidiu de ser o nosso. Por exemplo, esse pessoal todo da esquerda diz que são os porta-vozes da revolução brasileira; se eles o fossem, estariam estudando isso que eu estou estudando. Eles não o fazem porque são pessoas incapazes, são pigmeus intelectuais

que só são capazes de conceber dois tipos de pensamento: o pensamento do partido deles e o pensamento de um adversário imaginário que eles têm. Só existe isto. Portanto só existem duas teorias no mundo: “a nossa e a contrária”. Se ninguém está defendendo a contrária não tem importância, a gente inventa a pessoa.

Se é assim, só precisavam ter existido dois filósofos. Se ninguém precisa pensar por si próprio, examinar a realidade por si próprio, e é suficiente defender uma corrente preexistente, então só precisa ter dois. Isto quer dizer que o apego deles à idéia da revolução brasileira é também um apego metonímico. Eles não querem revolução nenhuma, sobretudo não querem revolução social. Querem, sim, revolução no sentido da mentalidade revolucionária, concentração de poder. Isso eles querem. Mas uma revolução social, isto é, elevar o povo a altura da verdadeira cidadania, isso eles nunca quiseram. Dizem que querem, mas é tudo da boca pra fora. Eles dizem que querem uma coisa mas só sabem fazer a outra, porque eles estão hipnotizados pela idéia do poder estatal.

Deu para acompanhar esse raciocínio? Entenderam a imensa tragédia que é isto tudo? Se algum liberal estiver lendo isto e ainda assim disser: “estou com um plano, vamos fazer uma reforma política”, então não venha falar comigo. Eu já fico ofendido, porque estou explicando uma coisa óbvia. Eu vejo que essa incompreensão é a causa da impotência da sociedade brasileira, que ela própria não concebe a ação senão através do poder estatal.

As pessoas falam para mim: “precisamos derrubar o PT; vamos apelas às forças armadas”. Mas o que são as forças armadas? O Estado. Claro que você pode jogar uma parte do Estado contra outra para derrubá-la, sem dúvida, mas aí está você reconhecendo a sua própria impotência. Pior, vai acontecer o seguinte: os militares vão ouvir esse apoio e vão pensar em todas as dificuldades que existem numa tomada de poder. Uma vez, numa mensagem de Facebook eu disse: vocês falam de intervenção militar, mas não têm a menor idéia do que estão falando.

Imagine que você é um oficial do Estado Maior. A sua função é examinar todas as alternativas e mostrar para o comandante: “se você fizer isso, acontece aquilo, fizer aquilo outro, acontece aquilo outro”, e assim por diante. Mostrar o cenário, todos os cenários possíveis para daí o comandante decidir. Em primeiro lugar, se você derruba o PT, você se torna adversário de todo o esquema internacional que o sustenta: não é do Maduro, não é do Fidel Castro, mas da ONU, porra. Você está contra todo o esquema globalista internacional — não é apenas o PT.

E agora, como você vai fazer para enfrentar toda essa gente? Você vai mover uma guerra contra o mundo ou você vai ter que fazer um acordo? Bolar um plano só para resolver isso aqui exigirá 2000 páginas. E assim por diante. Segundo: o que que nós vamos fazer com todos esses corruptos que estão aí? Nós vamos colocá-los todos na cadeia aguardando julgamento? Quantos tribunais nós não precisaríamos para isso? Se não, onde vamos colocá-los? E eles vão viver do que enquanto isso? Tudo isso tem que ser pensado.

O pessoal sai gritando “intervenção militar! Intervenção militar!”, o milico olha e diz: “Ih!, não vai dar; o que nós precisamos é o seguinte: vai o povão na frente gritando”. Quer dizer, um está exigindo do outro fazer uma coisa irresponsável, e o outro, então, tira da reta e devolve o abacaxi para primeiro, a população civil, dizendo: “vocês têm de ir na frente”. Ah, sim! Nós temos que enfrentar o governo com a cara e a coragem porque nós não temos armas, mas vocês que tem as armas querem se esconder atrás de nós. Isso é a loucura brasileira, hoje. Ou seja, ninguém está fazendo um esforço sério para entender o que está acontecendo, todo mundo só está toando posição e só consegue imaginar as coisas em termos de tomada de posição.

Eu acabo de receber uma lista de perguntas de um site que quer fazer entrevista comigo; o sujeito sem nenhuma intenção de ofender me perguntou: “por que que o senhor decidiu dedicar a sua vida a combater as idéias de esquerda”? Eu? Eu nunca decidi uma porcaria dessas. Você está pensando que eu sou o quê? O Vladimir Safatle da direita, o Emir Sader da direita? Você está me rebaixando ao estatuto desses pigmeus. Eu tive um objetivo infinitamente maior do que isto: a reconstrução da cultura brasileira, em cujo decurso o esquerdismo dominante se mostrou ser, sem dúvida, o principal dos obstáculos. Inclusive, esse foi o assunto do Imbecil Coletivo. Abrir para o brasileiro perspectivas intelectuais e espirituais maiores exige tirar esses caras do caminho, não há outro jeito.

É como se eu estivesse querendo construir uma casa, então encontro um buraco de tatu, com o tatu dentro; obviamente terei de tirar o tatu de lá. Daí o sujeito pergunta: “O senhor estuda esse curso de arquitetura para ser removedor de tatus?” É a isso que estão me rebaixando: a removedor de tatu. É uma ofensa mortal. Se ele xingasse a mãe eu não ficaria tão ofendido quanto isto. Eu nunca me propus na vida a combater as idéias da esquerda, mas sim a educar uma comunidade de pessoas para ver se restaurava um pouco a consciência no Brasil, se colocava um pouco de luminosidade. Porém, no meio do caminho tinha uma pedra, ou um tatu. Tem que tirar o tatu, tem que tirar a pedra, é só isto: um detalhe insignificante.

Vocês que acompanham este curso há tanto tempo: quantas das aulas eu dediquei para combater idéias da esquerda? De vez em quando eu falo nisso, mas eu estou falando de coisas infinitamente maiores. Mas na imaginação brasileira isto não existe, só existe a luta ideológica. Daí o cidadão até me perguntou: “mas por que o senhor se afastou da esquerda, por que o senhor rompeu com a esquerda?”; respondi: “eu nunca rompi”. Nunca houve um momento na minha vida em que eu dissesse para mim mesmo: agora estou na esquerda, agora estou na direita. Eu simplesmente comecei a observar os meus colegas de militância e um dia eu me fiz essa pergunta fatídica: “e se eles estivessem no poder no lugar dos milicos”? A situação seria muito pior, porque são todos psicopatas, eles não têm consciência moral nenhuma, acham que podem fazer tudo, que têm todos os direitos, mas na verdade são um bando de moleques — pior, moleques raivosos: a primeira coisa que fariam seria matar seus adversários.

Então daí eu simplesmente me afastei daquelas pessoas porque não eram boas companhias. Ainda levei muitos anos para me fazer a pergunta: “mas por que que eles são assim”? Ou seja, eu comecei a estudar essa coisa por um motivo psicológico e não político. Foi daí que eu cheguei na teoria da mentalidade revolucionária, que levou 20 anos para sair. Eu estava simplesmente me perguntando: por que essas pessoas são tão ruins, se elas têm todos os meios de estudar, de evoluir, se são todos de classe média-alta (não tem nenhum pobrezinho ali)? Quer dizer, o mote foi um problema psicológico. Eu me afastei de pessoas, não rompi com uma ideologia e muito menos adotei outra. Ideologia é coisa para pigmeu intelectual que, não tendo substância própria, precisa se grudar num partido, absorver o discurso do partido e sair repetindo aquela porcaria. Tudo que o pigmeu ouve fora do partido e não gosta imagina que é apenas o discurso invertido do partido dele. Você acha que eu estou aqui para fazer isso? Você acha mesmo que eu sou o Emir Sader, o Vladimir Safatle? Não me xingue, pô! Não me ofenda. Pode xingar, mas não disso. Xinga minha mãe, diz que eu sou ladrão, que eu sou viado, diz qualquer coisa que quiser, mas isso não.

No final das contas, um sujeito vir falar comigo nesses termos é sinal do império do Estado, porque se trata de apenas de duas versões dele. Eu afirmo para vocês: nenhuma versão do Estado pode resolver nada — aliás, não pode sequer aliviar. O que ele precisa urgentemente é começar a respeitar a sociedade civil. Quando as pessoas falam de iniciativa privada, elas se

referem apenas do empresariado, porque a sua iniciativa privada já está legislada, já está integrada no Estado, e por isso elas a defendem. Mas e a iniciativa privada dos outros? [1:00] Na verdade, nós temos que incentivar aquilo que dizia o falecido José Monir Nasser: empreendedorismo dos pequenos, de todo o mundo, tanto na esfera econômica como em todas as outras. Mas o Estado domina todas as pessoas porque ele domina todas as mentes. Ele tornou-se o único quadro legítimo do pensamento humano, ou seja, todas as correntes ideológicas já são dominadas por ele e, assim, ele demarca a área de discussão. É evidente que, no Brasil, nós temos que romper com isso.

Foi por isso que eu achei o dia 15 de março de 2015 tão importante, porque, embora incentivado por alguns movimentos, o povo foi às ruas por conta própria. Ninguém foi porque o Kim Kataguirí ou outro chamou. Não, o povo foi por que não aguenta mais. Sobretudo, nós não podemos nos esquecer de que a origem disso foi a questão do passe livre. O governo colocou um monte de agitadores na rua para defender seus próprios interesses, mas a população saiu gritando o contrário. Ninguém combinou isso. Ninguém inventou isso, mas foi o próprio povo. Isto é uma preciosidade! O povo tomou uma grande iniciativa, e provou que tem a força e a capacidade para isso. O povo teve a coragem para isto e nós temos que incentivá-lo. Nós devemos incentivar para que a massa popular se auto-organize e invente as suas próprias soluções para os seus problemas.

Só existiu uma favela no Rio de Janeiro, cujo nome não lembro, onde não havia banditismo porque a população organizou a sua própria polícia: “se os bandidos entrarem aqui, a gente mata” (a idéia era essa). Acabou o problema! Era o lugar mais tranquilo do Rio de Janeiro! Por outro lado, onde está a polícia, o Estado, é só caos.

Nós temos que tirar do Estado o monopólio da razão. Quantas pessoas são necessárias para isso? Uma! Uma pessoa precisa levantar e dizer: eu sou mais racional do que você. Você é um louco, você só faz confusão. Você não sabe nada. Nós temos que tirar completamente a legitimidade da razão estatal — eu tenho feito isso a minha vida inteira, esse é um dos meus objetivos —, não importando se o Estado está nas mãos da direita ou da esquerda.

No tempo dos militares, por exemplo, eles inventaram esta maldita coisa dos calibres de uso exclusivo das Forças Armadas. Eu não estava prestando atenção nisto nessa época, mas se estivesse prestando atenção, eu diria: isso vai dar rolo. Você está fomentando o banditismo, porque o cidadão não pode legalmente ter isso, mas o bandido pode ter ilegalmente. Então, daqui a pouco, o cidadão, depois de muito trabalho burocrático, pode ter um 38 (se tanto!), mas os bandidos podem ter até bazuca, helicóptero, canhão, metralhadora, o que quiserem. É isto o que esta política estava gerando. Foi a esquerda que fez isto? Não, foi a direita.

Nós precisamos entender que, atualmente (nos últimos 30 anos), o problema do Brasil é a esquerda, sem sombra de dúvida. Mas poderia não ser, poderia ser qualquer outro que fizesse a mesma coisa. Então, não se trata de opção ideológica — de jeito nenhum! Eu considero isso altamente ofensivo. Como esse pessoal todo aí é repetidor de ideologia, quando eles não gostam de alguma coisa eles só podem achar que o outro está repetindo uma outra ideologia também. Mas se eu estou repetindo uma ideologia, quem foi que inventou a minha ideologia? Quem foi o gênio que pensou toda a minha filosofia antes de mim e as assoprou no meu ouvido? Uma vez, um cara no Rio de Janeiro disse: “esse cara só expõe as idéias de Ronald Levinsohn”. Mas então esse Ronaldo Levinsohn é um gênio filosófico fora do comum! Eu levei 30 anos para inventar tudo isso, mas ele inventou em um piscar de olhos (e ainda contou para mim).

Nós precisamos acordar e entender que quem constrói um país não é o Estado, mas as pessoas, a sociedade civil, e ela tem que ser fortalecida por todos os meios. Agora, quando o pessoal gramsciano fala de sociedade civil, a sociedade civil pra eles é um conjunto de aparelhos. Por exemplo, eles pegam um monte de ONGs que nasceram da iniciativa espontânea das massas e as aparelha, e a coisa vira uma espécie de funcionalismo público informal. Como foi com a OAB: a OAB é o funcionalismo público do PT. E a CNBB? A mesma coisa. Então, nós temos que deslegitimar não somente o Estado, mas toda a faixa da sociedade civil que está vendida por Estado. Entenderam?

Aluno: O senhor pode me dizer se o filme Avatar foi baseado nas idéias de Epicuro?

Olavo: Não sei, porque eu não assisti ao filme.

Aluno – No curso Teoria do Estado, que está disponível no COF, o senhor aborda a questão dos níveis de consciência do agente e do cientista. Considerando a flexibilidade da consciência no ato do conhecimento de novas informações, a negação da verdade do fato provocada por uma cegueira voluntária pode causar uma espécie de anomalia cognitiva, inviabilizando os mecanismos normais de apreensão dos fatos?

Olavo: Sim, pode. É este o quadro que Andrzej M. Łobaczewski descreve como histeria. Não uma histeria clínica normal, mas uma histeria epidêmica, social, causada pelo fato de que o poder é assumido por um grupo de psicopatas que mentem descaradamente e forçam as pessoas a negar o que os seus olhos vêem. É aquela coisa do Groucho Marx: “afinal, você vai confiar em mim ou nos seus próprios olhos?”. O sujeito está vendo uma coisa, mas a autoridade o força a dizer outra, depois de umas três vezes a pessoa já esqueceu a verdade e só repete aquilo que vem pelo ouvido. Uma coisa é você dizer algo a contragosto porque o outro está com um revólver na sua cabeça; outra coisa é você, para não sentir aquele medo, convencer-se de que você está fazendo isso porque você mesmo quer, livremente. Pronto: já virou histeria, e a pessoa não enxerga mais a realidade de jeito nenhum. Neste estado, você só acredita na sua própria voz quando a coisa chega no seu ouvido. Você repete o que ouviu, e no momento em que você ouviu, você acredita. Isto é uma coisa gravíssima, porque tem consequências terríveis na vida pessoal de cada um. Imagine uma briga de marido e mulher de duas pessoas assim. É absolutamente incomunicável. Você destrói famílias inteiras com isso — deteriora relações entre marido e mulher, pai e filho, amigos etc. A vida social inteira fica estragada. Ou seja, isto é um crime imensurável.

A característica fundamental da atualidade (da segunda metade do século XX, aproximadamente) é o fato de que grupos de psicopatas bilionários e governantes se reuniram para criar uma nova civilização, planejada em todos os seus mínimos detalhes, de acordo com o gosto deles. Começaram a fazer especulações sobre isso no tempo de Herbert George Wells, em *História do Futuro*. O *Admirável Mundo Novo* foi composto por Aldous Huxley como uma investigação conjectural, [1:10] ou seja, como investigação imaginativa de como poderia ser (é claro que eles deixaram o sujeito livre para escrever do jeito que ele quisesse). Este tipo de especulação imaginativa é uma coisa que se usa em ciência política, em sociologia etc. Então incumbiram o homem de inventar uma sociedade assim e assado, e ele inventou. Quer dizer, seria a tal da ditadura científica, onde a comunidade científica, subjugada pelo Estado, ao qual ela não pode opor-se, enquanto agente do Estado impõe novos valores, novos critérios, novos símbolos etc., sempre em nome da ciência — sendo na maior parte dos casos uma pseudociência, como essa coisa de ideologia de gênero, que é obviamente uma pseudociência, pois qualquer defensor da ideologia de gênero só prova que fugiu das aulas de biologia no ginásio. Esta é a sociedade que Aldous Huxley concebeu no *Admirável*

Mundo Novo, que é o modelo que de fato está sendo seguido. O próprio Aldous Huxley, 30 anos depois de o ter publicado, disse: “eu esperava que isso começasse a realizar-se em quatro ou cinco séculos, mas isso já está aí”. E ele escreveu um livro documentário, não ficção, uma reportagem, chamada *De Volta ao Admirável Mundo Novo*, e isto há uns 20 anos. Imaginem como isso está agora. E nós estamos aceitando isto. Isto é, qualquer sujeito, sendo um idiota, só porque ganhou dinheiro (um Mark Zuckerberg ou George Soros, roubando ou perdendo, ou de qualquer outro modo que não tem mérito nenhum), se acham gênios e capazes de bolar uma civilização. Vocês imaginem o que seria uma civilização onde, por exemplo, a religião se recolhesse à vida privada, como no Irã. No Irã, você pode ser cristão, desde que seja na sua casa, em segredo, porque em público não pode. É claro que tudo está sendo feito para retirar a religião da vida pública, recolhê-la para a vida privada e depois retirá-la da vida privada também. Depois você santifica valores gayzistas, por exemplo. Você não pode falar mal se o sujeito pratica sodomia, porque ela é sacrossanta, mas você pode xingar todo o resto (até matar cristãos). Outro dia alguém colocou no Facebook uma estatística interessante de que, segundo a ONU, no ano passado foram mortos no mundo inteiro 980 homossexuais por serem homossexuais, isto é, crimes de homofobia. Ao mesmo tempo, foram mortos 162.000 cristãos. Mas se você fala dos gays, você está fomentando a homofobia; mas se você fala de cristãos, não está fomentando de maneira alguma o assassinato de cristãos. Quer dizer, basta o sujeito declarar “Não, eu não quero que matem ninguém”, e daí você atribui a ele todos os defeitos do mundo, todos os crimes do mundo, cria ódio contra eles e ainda se queixa de que a vítima do discurso de ódio é você, como fizeram agora no caso dessa menina do Jornal Nacional, em que o pessoal do governo, o pessoal do PT, espalha um monte de falsas notícias, falsas mensagens racistas contra a coitada, e depois faz uma campanha anti racista. É claro que isto é um ato criminoso, é claro que este Ministro — Jaques Wagner, de quem eu não esperaria outra coisa senão isso — tem que ser criminalmente responsabilizado por isto. Mas eu aposto que ninguém irá processá-lo, ninguém fará absolutamente nada, a não ser choramingar um pouco.

Esse temor tem raízes mais profundas do que o poder armado do Estado. O Estado armado brasileiro não tem poder para usar contra a população. Se se você convocar o Exército Brasileiro para fuzilar a população na rua, será que ele vai topar? Não, não vai topar. A polícia também não vai. O governo petista não tem força armada para voltar-se contra a população. Então, como é que ele manda tanto? Resposta: pelos motivos já explicados na primeira parte da aula. O sujeito que está no topo do Estado passa a encarnar a razão e você só consegue pensar através dele, por mais que você o odeie.

Aluno: Para a população brasileira, parece que a lei é algo tão abstrato, parece que não tem uma realidade na vida do Cidadão.

Olavo: Sim, foi o que eu falei. A lei, para o brasileiro, é muito abstrata e muito longínqua.

Aluno: Então, é por isso que ela não é aplicada nesses casos. No tempo em que os militares eram aviltados, há 20 anos atrás... (inaudível)

Olavo: Eu me lembro, por exemplo, de que na época os caras fizeram um processo fake contra mim, do qual eu fui inocentado, evidentemente, mas na hora em que eu precisava de testemunhas, eu chamava as pessoas e elas diziam “Não, não, não... Eu não quero me meter”. E eu falava: Mas como é que você não quer se meter? Você é obrigado a testemunhar. O juiz emite uma intimação e você vai ter de ir de qualquer jeito. As pessoas não conseguiam entender isso. Ou seja: a lei é muito distante e muito abstrata.

E isto sempre foi alegado como um obstáculo para a democracia no Brasil: “não podemos ter democracia no Brasil porque ninguém leva a lei a sério”. Mas na presente situação isso é muito bom. Ou seja, o fato de o povo não levar muito a sério a letra da lei é um fator que fala em favor da iniciativa da sociedade civil, da independência da sociedade civil. A sociedade civil tem que fazer as suas próprias leis. Ela tem que passar por cima das leis votadas por ladrões, assassinos, narcotraficantes — é claro que tem que fazer isso!

Quando você sabe, por exemplo, que todo esse pessoal do STF está coonestando a ilegalidade, você não tem mais que obedecê-los: a autoridade deles acabou. Se você sabe que todo o Congresso foi comprado no Mensalão, e você acha que nós para tirarmos o PT do poder temos que ir pelas vias legais pelo Congresso: o que você está falando? O congresso inteiro é cúmplice da situação. Ele pode divergir do PT em um ponto ou no outro, mas no conjunto eles fazem parte do esquema — todo mundo sabe que faz.

Nós chegamos ao ponto onde a única solução é a sociedade civil se auto-legislar: cancelar a democracia representativa e inaugurar aquilo que o PT queria, a democracia direta. Pois vamos fazê-la. O povo decide as leis nas ruas. Esta é que tem de ser a resposta: nós vamos fazer o que vocês diziam que era para ser feito.

Aluno: Tenho visto que a liberdade nos últimos 300 anos ao menos tem tido o caráter de direito residual face à normatização do Estado.

Olavo: Sim. A liberdade é o que sobra depois que o estado legislou tudo.

Aluno: E compreendendo que a única coisa que pode limitar o Estado, sendo este uma estrutura de poder, é um outro poder diferente deste que provenha da sociedade civil.

Olavo: Isto é o que sempre foi o normal ao longo de toda a história humana, ou seja, haver centros de poder extra-estatais, independentes do Estado, com os quais o Estado tenha que contar.

Quando Mussolini tomou o poder na Itália, ele teve que contar com dois outros poderes sobre os quais ele não tinha autoridade alguma, que eram o rei e o Vaticano. Ele teve de aceitar, de dividir o espaço político italiano com essas duas forças não estatais. E isso com o Mussolini. Hoje o Estado atual democrático não aceita repartir o poder com mais ninguém, só ele tem autoridade. E os órgãos que a sociedade civil criou para defender-se são todos açambarcados pelo Estado, fazendo da CNBB, da OAB, órgãos do partido do Estado.

Aluno: (continuação) Não seria o caso de transformar o direito à liberdade num direito efetivo e positivo, e não negativo e residual?

Olavo: Sim. Mas isso se faz não através das leis e sim através da ação. Portanto, eu insisto: a economia informal tem de ser incentivada de qualquer maneira, sem nenhuma legislação que a controle ou a limite. A primeira coisa que você tem que fazer é ler o livro de Herbert Spencer *O Direito de Ignorar O Estado*. Há várias versões deste livro na internet.

Aluno: Acerca da desobediência civil, muitos cristãos criticam o senhor porque o senhor estaria contrariando um preceito bíblico, que está em Romanos, 13, 1-7, que diz: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.”

Olavo: Então, muito bem: nós vamos obedecer exatamente como o Cristo obedeceu. Tá bom assim? O sujeito pega uma frase e a separar completamente do contexto histórico. Quando Jesus disse “Dá a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, isto significa que aí há um limite preciso. Isto é, o fato de que a sociedade civil prevalece sobre o Estado é um mandamento de Deus, porque a sociedade civil existiu desde Adão e Eva, não foi o Estado que a criou. O Estado é uma projeção dela, o Estado vive dela, Ela sustenta o Estado com seus impostos.

Que Estado tem o direito de sobrepor-se à sociedade civil como um todo? Que governante tem o direito de continuar dando ordens quando 91% da população o rejeita? Esse governante tem a obrigação de renunciar e ir embora. Se não renuncia e vai embora, agora nós não te obedecemos mais. Nós temos que transformar a mera negação verbal, a recusa verbal, numa recusa efetiva.

O direito à desobediência [1:20] civil foi consagrado na doutrina da Igreja há muitos séculos. Vem um sujeito e pega uma frasezinha: isso é coisa de analfabeto. Esse pessoal metido a teólogo não merece atenção. É uma coisa tão despropositada, a pergunta é tão despropositada, que quem quer que levante isso é um bom canalha. Isso aí é uma pessoa que não merece atenção.

Aluno: O passo mais importante seria aprimorar os mecanismos de expressar a realidade através das descrições feitas, de modo mais preciso. Portanto, as habilidades literárias seriam armas para isso?

Olavo: Mas é claro que sim! Sem a literatura, a linguagem não respira, e se condensa em chavões que são infinitamente repetidos, por mais deslocados que eles sejam da realidade. Isto está acontecendo o tempo todo. E pior: agora o PT, acuado e amedrontado, decidiu partir para a propaganda maciça por todos os meios mais ilícitos possíveis, como esse truque do Jaques Wagner, por exemplo.

Isto quer dizer que toda a conexão entre a linguagem e a realidade dos fatos já foi cortada. Não precisa de mais. Realmente não precisa. A elite está vendo o que está acontecendo, e ela continua negando a realidade patente; até onde nós iremos aguentar isto? Até onde nós temos esta obrigação? Você vai me dizer que a Bíblia nos manda obedecer a isso? Isto é: eu estou vendo que dois mais dois dá quatro, e o petista diz que dá 5 e eu sou obrigado a dizer sim. Onde é que está isto na Bíblia? Onde está a obrigação de você acompanhar o governo na sua mentira? Onde está isto? Isto é uma interpretação satânica. Quem deu esta interpretação foi o seu pastor? Então não vai mais à igreja dele. Este é um satanista e não sabe. O pior tipo de satanista é este: ele é e não tem a menor idéia de que o é. Ele chega lá, prega a doutrina de Satanás e diz que é de Jesus Cristo.

O fator mentira é decisivo, porque Satanás é o pai da mentira. Se o Governo mente e você diz que sim, você está mentindo também. Você tem a obrigação de fazer isso porque Deus mandou obedecer aos governantes? Isso quer dizer que a autoridade dos governantes é incondicional e que está acima do primeiro mandamento (amar a Deus sobre todas as coisas)? Deus não é a Verdade? Ele não disse “Eu sou a verdade”? A Bíblia diz que é para obedecer ao governante, mas é para obedecer àquele a quem é devido. Você acha que o Governo tem direito de impor a você uma mentira? Se vier padre, pastor, arcebispo — o raio que o parta — ou o Papa, e disser isto, então está trabalhando para o Satanás, evidentemente. E você sabe disso. Não há necessidade de que eu diga isso ou você.

Aluno: E para quem trabalha dentro do Estado, isto é, dentro da máquina burocrática, o que significaria o direito de ignorar o Estado — e especificamente na área da educação?

Olavo: Isto significa desobedecer: eles mandam você ensinar uma coisa e você ensina outra. A desobediência civil implica em você aceitar a punição se ela vier — é isto o que a distingue do banditismo. Se eles disserem que te porão na cadeia, então você diz “Eu vou”, mas porque ele tem poder, e não porque ele está no direito de fazer isto. Se o sujeito encosta o revólver na tua cabeça, você diz: “Bom, eu vou fazer o que você quer, mas não vou te respeitar, e na primeira chance que eu tiver de desobedecer novamente, eu irei desobedecer”. Se você está dentro do Estado, você está numa posição privilegiada para desobedecê-lo, sobretudo na área de educação.

Por exemplo: falam mal de mim, inventam um monte de coisa. E daí? A palavra cão não morde. Você pode falar do Olavo o que você quiser, mas depois você aguenta, porque todo mundo termina no ridículo.

Quando a desobediência civil se espalha, ela não é mais punível. O Governo não pode colocar a população na cadeia. O que estamos vivendo agora é uma janela de oportunidade agora. Veja: na hora em que o pessoal nos estádios começou a xingar a Dilma, mostrando total desrespeito, isto abriu a era da desobediência civil. É só continuar fazendo a mesma coisa. Quanto aos painéis, é a mesma coisa. Nós não vamos deixar você falar, nós não queremos ouvir você. É muito simples tudo isso.

Vejam uma coisa: durante 40 anos, o pessoal da esquerda exerceu o monopólio da possibilidade de você invadir um auditório e, aos gritos e xingamentos, tapar a boca de um orador. Eles fizeram isto durante 40 anos! Agora, se aparece um cara xingando a Dilma, tal como aconteceu aqui, eles ficam escandalizados. Esse pessoal é louco. Até quando nós vamos levar essas pessoas a sério? Veja a covardia: porque o sujeito apresenta uma objeção, você paralisa? Até quando isso será assim? No Brasil é assim: se o sujeito está crente em uma coisa e aparece um e levanta uma objeção, “Pronto! Meu mundo caiu! Estou inseguro!”

Aluno: O que fazer quando uma das pessoas que você mais ama perde a fé? Como lidar com isso? O que dizer a essa pessoa? Detalhe: é uma pessoa que leva à vida e todas as coisas muito a sério, tem boa fé, é inteligente e responsável. É alguém por quem vale a pena lutar; rezo todos os dias para que ela recupere a fé. Mas como ajudá-la a lidar com isto?

Olavo: Em primeiro lugar, você precisa ver se ela quer isso. Se ela não quiser e tapar os ouvidos, simplesmente não há o que fazer. Você deve simplesmente rezar por ela.

Mas eu acho que nós precisamos aprender com os hindus: Existem certas verdades fundamentais que a pessoa irá encontrar mais cedo ou mais tarde. No mínimo, encontrará na hora da morte. A gente reza para que encontre 10 minutos antes, pelo menos. Mas você não deve preocupar-se muito com isso, porque a fé de uma pessoa, aquilo em que a pessoa acredita, é muito importante se ela for uma pessoa mortalmente séria, se é uma pessoa que está empenhada na busca da verdade, e caiu em uma coisa errada, você pode tirá-la de lá. Mas, em geral, as idéias e crenças das pessoas são superficiais — elas não acreditam realmente naquilo. É como se diz: é um capricho, uma frescura. E frescura a gente espera que passe. Na maior parte dos casos, não é preciso fazer nada. É o velho conselho de Lao Tsé: agir não agindo. Ou seja, você precisa medir o peso que essa atitude tem dentro da pessoa. Às vezes não tem peso nenhum. E se não tem peso nenhum, o vento leva embora.

Voltando ao nosso assunto principal: vocês entenderam todo esse mecanismo que leva desde Kant até a situação atual? Não existe nenhuma situação no mundo histórico-social que não esteja prefigurada em alguma filosofia. Vejam que o mundo histórico começa com um ato de desobediência seguido de um crime: Adão e Eva e, depois, Caim e Abel. Este é o nosso destino, isto é, a história é o mundo do pecado, é o mundo do crime. O homem age, sobretudo, através de duas coisas: através da história e através das leis, da autoridade, do poder.

Esperar que as máquinas ou o poder crie um mundo melhor para nós é impossível. Isso só pode vir do contato direto entre almas humanas. O que é o amor? O amor é uma ligação direta entre duas pessoas que os demais de fora não entendem.

Então é ali que pode nascer alguma coisa boa — só ali. Agora, por decreto ou através de máquinas não nascera nada que preste.

Então, até semana que vem! Muito obrigado!

Transcrição: Pablo Guimarães e Bernardo Jordão

Revisão: Éricson Rojahn